



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 12 • Março 2010

Página dos editores

José M. Schiappa

EDITORIAL

TEMPO DE MUDANÇA

Constitui este número da Revista Portuguesa de Cirurgia o último número em que estarei à frente do seu Corpo Editorial. Creio estar chegada a altura de “passar o testemunho”. Com o passar do tempo aparecem novos desafios, as circunstâncias mudam e tornam obrigatórias estas mudanças. Foram definidos princípios de posicionamento, logo à partida da tarefa que iniciei com esta série da Revista que, a meu ver, tornam incompatíveis determinados cargos; é crucial que esteja sempre bem clara a independência dos Editores da Revista.

É também recomendável proceder a ajustes que permitam, dentro de um espírito de continuidade, salutaras renovações de responsáveis, abrindo caminho a novas ideias. Muito há ainda a fazer e muito está delineado nesse sentido e talvez mesmo as orientações a tomar pela renovada equipa de Editores possam trazer ideias mais dinâmicas.

Quando, inicialmente, aceitei o convite que me foi feito, foram estabelecidas uma série de propostas, condicionantes e metas. De modo geral foram cumpridas, e tenho como um dos pontos que considero mais importantes e a realçar, o excelente modo como sempre funcionaram as relações entre a Direcção da Sociedade Portuguesa de Cirurgia e os Editores da Revista Portuguesa de Cirurgia.

Tivemos durante estes 3 anos o prazer de verificar que a independência dos Editores da Revista – ponto crucial para os mesmos e acordado desde início – foi sempre respeitada, sem a mais pequena questão. A abertura sempre demonstrada pela Direcção foi muito importante para que os Editores se sentissem à vontade para programar os sucessivos números de acordo com o que achámos ser o mais apropriado e para podermos, por vezes, ultrapassar o número de páginas inicialmente estabelecido; isto era para nós importante para que se mantivesse uma estrutura correcta de cada número, dando continuidade à uniformidade editorial.

Todo o trabalho efectuado na concepção, preparação, edição e publicação destes números da segunda série da Revista foi muito gratificante e entusiasmante. As relações existentes dentro da equipa que liderei contribuíram também bastante para tudo isto, verificando-se, a curto prazo, que todos comungávamos do mesmo espírito em relação às metas a atingir.

Na verdade, penso que conseguimos “construir” um Jornal com boa credibilidade, bom conteúdo e um nível científico que o pode colocar numa boa posição dentro do padrão dos Jornais europeus de Cirurgia. Mais ainda, conseguimos quebrar algumas barreiras que muitos não acreditavam ser possível.



Tenho, portanto, que agradecer à equipa que me acompanhou durante este tempo pelo excelente trabalho efectuado e por todas as contribuições feitas. Todo o mérito do trabalho feito pertence a esta equipa e, neste caso particular, o termo “equipa” estende-se a todos os colegas que contribuíram com o seu tempo e trabalho ao fazer a revisão dos artigos que foram sendo enviados para publicação. A revisão “por pares” é um dos pontos mais importantes para a manutenção de um bom nível científico, para a independência e para que se tenha, verdadeiramente, a “nossa” Revista.

Também há que transmitir de forma clara a importância que tem o trabalho dos revisores, em termos de responsabilidade, de credibilidade científica e de valor, quer no curriculum dos mesmos, quer no seu empenhamento na defesa da comunidade científica cirúrgica, quer ainda no prestígio pessoal e das instituições que representam, pelo implícito reconhecimento profissional.

Continuando o Balanço do trabalho feito, terei que fazer referência a desígnios não cumpridos e a pontos menos sucedidos.

Não foi conseguida – ainda – a indexação da nossa Revista. Não creio que tenham sido, ainda, atingidas as condições para fazer o pedido oficial para a New York Library of Medicine para que a Revista Portuguesa de Cirurgia seja ali indexada. Penso que será preferível aguardar um pouco mais, trabalhando para que todos os pressupostos estejam reunidos, e fazer uma candidatura com boas possibilidades de êxito numa primeira abordagem. O desaire e o descrédito da recusa podem ser evitados deste modo. Há outros índices com exigências mais reduzidas e temos trabalho feito e em curso quanto a conseguir aí a indexação da Revista numa primeira fase.

Houve alguns atrasos de distribuição da Revista, quase todos sem culpas da nossa parte, exceptuando uma falta de previsão; muito frequentemente há prazos vários que não são cumpridos, pelas mais variadas razões.

Em todo o trabalho que fizemos, procurámos sempre zelar pelo princípio de ter uma Revista de qualidade científica de bom nível e de manter essa linha editorial. Foi também nesse sentido que iniciámos os Cursos pré Congresso sob nossa responsabilidade, tentando “formar” os potenciais autores, nos meandros da publicação científica. Note-se que esta “formação” é da maior utilidade, não só para a escrita de artigos e para a investigação, mas também para toda a leitura crítica dos mesmos. É nosso ponto de vista que estes Cursos são úteis para todos e que a sua frequência será sempre enriquecedora.

Em relação à participação empenhada e mais geral dos membros da nossa comunidade cirúrgica, devo confessar que a resposta havida me deixou desiludido; talvez tivesse uma visão “sonhadora” de que as coisas seriam diferentes, não levando em conta os tempos que hoje atravessamos. Quando, há longos anos, trabalhava em Londres, o tema de conversa no Hospital, todas as segundas feiras, eram os artigos que tinham sido publicados no British Medical Journal que nos chegava a casa todos os Sábados; isto independentemente dos assuntos serem médicos ou cirúrgicos (o British Journal of Surgery era mensal). As discussões eram vivas e havia sempre grande número de comentários e de cartas ao editor enviados todas as semanas. Tive uma vaga esperança – santa inocência! – de que uma versão mitigada desta vivência pudesse acontecer.

A Revista Portuguesa de Cirurgia propôs-se cumprir a sua missão através da prossecução de dois objectivos principais: a promoção da cultura científica dos cirurgiões portugueses e, a sua constituição como veículo de divulgação do trabalho de índole científica produzido pelos mesmos.

É aqui que fico com a sensação de não conseguimos despertar o interesse suficiente para “fazer o leitor chegar à Revista”. Tal como a interactividade, o número de artigos originais fica muito abaixo do mínimo exigido em qualquer comunidade científica “viva”.



Temos tido algumas dificuldades em preencher os conteúdos de forma consistente com as tendências científicas de hoje, em que uma boa percentagem de trabalho publicado deve corresponder a trabalho original.

Os artigos originais de autores nacionais ficam quase limitados aos concorrentes ao prémio da melhor comunicação do Congresso; mesmo aqui houve, nalguns casos, discordância entre o estabelecido e o enviado. A produção de trabalho original é o verdadeiro “barómetro” da actividade científica dos nossos Serviços e Departamentos. É evidente que os níveis e a actividade hospitalar das instituições distribuídas pelo país são bem diferentes uns dos outros e que a actividade científica que se espera terá de corresponder a essa realidade. No entanto, há uma discrepância marcada entre os vários Serviços existentes – considerando a sua importância institucional, formativa e educacional – e a produção científica gerada. Talvez seja tempo para meditar sobre esta realidade e tentar tirar algumas conclusões construtivas.

Não são os “Casos Clínicos” (boa forma de iniciar a produção científica mas limitativos em continuidade), nem os “Artigos de Revisão” que traduzem a vida científica e hospitalar. Os “Artigos de Revisão”, se bem feitos, incluindo pesquisa bibliográfica exaustiva e pertinente são bem vindos; infelizmente poucos respondem aos requisitos científicos e educacionais dos tempos que correm.

Por outro lado, encontramos bastantes casos em que os autores não cumprem com as instruções específicas da Revista quanto a tipos de trabalhos e formas de os produzir (variam de Jornal para Jornal) nem informam devidamente sob que rubrica pretendem que seja publicado o artigo que enviam. O cumprimento destas regras tem razões práticas pelo lado da Revista e, pelo lado dos autores implica o seguimento de metodologia científica, que é importante para este tipo de formação.

Boa parte do interesse de uma Revista científica está no impacto produzido nos seus leitores pelo que é publicado; pelo nível de informação, pela actualidade, pela novidade e pela polémica. No nosso caso o esforço foi feito e temos a noção que o que foi produzido tem, globalmente, qualidade. Mas, como já disse, não foi conseguida a interactividade e uma participação mais activa dos leitores. Há uma área de informação que gostaríamos também de ter visto mais participada: o envio de simples notícias de interesse geral ou local como, por exemplo, o anúncio de reuniões científicas a terem lugar. O nosso trabalho de pesquisa nesta área tem limitações e seguramente que não anunciámos actividades que o mereceriam.

Chego ao fim desta etapa com o sentido de que foi efectuado um bom trabalho, de acordo com os propósitos inicialmente estabelecidos. Foi criada uma Revista científica de Cirurgia, digna, com conteúdo científico de bom nível, cumprindo – mais do que isso – os requisitos mínimos dos Jornais Científicos deste tipo.

Tenho a certeza de que o tempo se encarregará de corrigir as falhas existentes e de que a Revista Portuguesa de Cirurgia continuará a sua boa caminhada, com um empenhamento continuado e crescente da nossa comunidade cirúrgica.

Está chegada a ocasião de, dentro de um espírito de continuidade, proceder a uma renovação de responsáveis e dar lugar a novas ideias. Parte da equipa continuará e dará ao trabalho a continuidade necessária; outra parte será remodelada e desta nova interacção de ideias sairão novos rumos.

Os responsáveis que me irão substituir podem contar com o meu apoio para o que for necessário. Tenho a maior confiança na sua capacidade de continuar e melhorar o trabalho feito.

No entanto, considerando os processos de indexação que foram iniciados e estão em curso e a necessidade de transição fluida e sem qualquer sobressalto, este processo será faseado. Mas a despedida já fica feita.



NOTA DO EDITOR

A indexação de uma revista científica corresponde a um reconhecimento da qualidade científica da mesma e acarreta uma responsabilização acrescida.

Vários são os sistemas de indexação de revistas médicas. Uns mais complexos do que outros. Uns mais exigentes do que outros.

A actual equipa de editores da Revista Portuguesa de Cirurgia desde que iniciaram as suas funções que estabeleceram como um dos seus objectivos o conseguir obter a indexação da revista em vários dos sistemas de indexação.

Tendo já 12 números publicados é hoje possível iniciar este processo que gostaríamos de terminar a sua primeira fase durante o ano de 2010. Tal facto só foi possível pela resposta que os cirurgiões portugueses têm sabido dar enviando os seus trabalhos para a revista da sua Sociedade. Importa no entanto referir que ainda estamos longe de poder candidatar-mo-nos aos sistemas mais exigentes como é o caso do *PubMed*. Para tal necessitamos de aumentar o número de artigos originais publicados, entre outras exigências. Este é um esforço de todos, quer a nível individual quer a nível das Direcções de Serviço. O incremento da nossa produção científica constituirá um claro sinal do peso dos cirurgiões portugueses e da sua capacidade para inovar e tratar cada vez melhor os nossos doentes.

Podemos anunciar desde já que iniciamos desde já o processo de candidatura ao sistema SciELO e ao sistema Latindex. Esta é, tal como já afirmámos a primeira fase de um processo que decorrerá durante o presente ano. O sucesso destas duas candidaturas fará entrar a Revista Portuguesa de Cirurgia num lote de mais de 1000 revistas indexadas alargando muito significativamente a divulgação daquilo que representa a Cirurgia Portuguesa.

